



DE ONDE VIM E PARA ONDE VOU? UMA
LEITURA DOS CONTOS “LUVINA” E “NOS HAN
DADO LA TIERRA” DE JUAN RULFO

WHERE DID I COME FROM AND WHERE AM I
GOING? A READING OF THE SHORT STORIES
“LUVINA” AND “NOS HAN DADOS LA TIERRA” BY
JUAN RULFO

Job Lopes

Doutor em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do
Paraná – Brasil. Realiza estágio pós-doutoral na Universidad
de Jaén – Espanha.

E-mail: jobliteratura@hotmail.com

ORCID iD: <https://orcid.org/0009-0008-4232-4237>



RESUMO: O presente artigo busca refletir os aspectos regionais e históricos abordados pelo escritor mexicano, Juan Rulfo, em seus contos, “Luvina” e “Nos han dado la tierra” publicados em 1953, que contemplam a obra “El Llano en llamas”. Os personagens que constituem os contos, representam as características e tradições de suas cidades, eles descrevem de onde vieram e se questionam para onde irão? Relatam problemáticas de cunho social e geográfico. O autor apresenta contos, que retratam a Revolução mexicana de 1910 e a Reforma agrária e diante desses conflitos, os protagonistas tecem suas angústias e anseios em relação a vida e a região que vivem. A literatura de Rulfo, em meados do século XX, revela uma nova perspectiva, busca dar visibilidade às qualidades regionais, ao homem do campo e ao saber local, que será analisado a partir do antropólogo Geertz (1989/1997) e pelos teóricos, Moreira (2010) e Katz (2002).

Palavras-chave: México; Regionalismo; História; Campo.

ABSTRACT: This article seeks to reflect the regional and historical aspects addressed by the Mexican writer, Juan Rulfo, in his short stories, “Luvina” and “Nos han dado la tierra” published in 1953, which include the work “El Llano en llamas”. The characters that make up the tales represent the characteristics and traditions of their cities, they describe where they came from and ask themselves where they will go? They report social and geographic problems. The author presents short stories, which portray the Mexican Revolution of 1910 and the Agrarian Reform and in the face of these conflicts, the protagonists weave their anxieties and desires in relation to life and the region they live in. Rulfo's literature, in the middle of the 20th century, reveals a new perspective, seeking to give visibility to regional qualities, rural people and local knowledge, which will be analyzed based on the anthropologist Geertz (1989/1997) and the theorists, Moreira (2010) and Katz (2002).

Keywords: Mexico; Regionalism; History; Field.

1 INTRODUÇÃO

Carlos Juan Nepomuceno Pérez Rulfo Vizcaíno, popularmente conhecido como Juan Rulfo, um dos maiores escritores da Literatura Mexicana, bem como da América Latina. O autor tece uma obra intimamente ligada ao seu lugar de origem, as suas raízes e ao passado. Nasceu em Apulco, uma região da cidade de Sayula, província de Jalisco, em 16 de maio de 1917 e faleceu em 7 de janeiro de 1986 na Cidade do México. Foi um escritor entremeado com o povo, trabalhou como vendedor ambulante e posteriormente foi funcionário do serviço de migração. A partir de suas experiências, o autor configura uma escrita de tradições, cultura e regionalismo, apresentando marcas e contrastes do seu país.

Os contos rulfianos abordam uma temática regional, na qual delineiam os traços de um determinado local, descrevem os costumes, crenças e tradições. Assim o escritor reconstrói e apresenta lugares, povos e culturas. Valendo-se dessa abordagem, a fundamentação teórica parte do antropólogo Geertz (1989), como principal teórico para discutir problemáticas que envolvem o homem, a sociedade e a região que vive. A escrita de Rulfo, dialoga com lugares e sentimentos humanos, principalmente de pertencimento, origem e identidade. Um dos maiores conflitos do regionalismo abordado por Rulfo é a desigualdade e a injustiça social.

Os contos analisados nesse artigo, “Nos han dado la tierra” e “Luvina” (1953), abordam características regionais e históricas, bem como as consequências geradas pela Revolução Mexicana e a Reforma agrária. Os protagonistas de “Nos han dado la tierra” são compostos por quatro camponeses, Melitón, Faustino, Esteban e o narrador-personagem, a falta de estudo e conhecimento de ambos, os

levam a perder suas terras e aceitarem arbitrariamente do Governo, um vale deserto e sem vida, chamado “Llano”, onde são obrigados a viver. Em “Luvina”, o conto é narrado de forma melancólica e nostálgica, partindo das recordações de um ex-professor rural, que não tem seu nome identificado, ele relata como é a vida no povoado e as mazelas que assolam sua existência e o lugar.

2 PARA ONDE VOU? “NOS HAN DADO LA TIERRA”

Para onde vou? Um questionamento, que muitas vezes assola os indivíduos e leva a reflexão do lugar no qual está e para onde deve-se ir. Conflito esse, que se constitui no conto “Nos han dado la tierra” (1953) de Juan Rulfo. Quatro homens: Melitón, Faustino, Esteban e o narrador-personagem, assim um grupo de agricultores, perdem suas terras e partem em busca de um local de solo fértil, onde possam ter fonte de renda e alimento. O conto, apresenta um vilarejo distante e abastado, quase inabitável, como espelho da vida rural de uma determinada época.

O grupo de camponeses perdem suas terras e ganham do governo um deserto seco e improdutivo, chamado “Llano”, como é descrito no trecho a seguir, “No, el Llano no es cosa que sirva. No hay ni conejos ni pájaros. No hay nada. A no ser unos cuantos huizaches trespeleques y una que otra manchita de zacate con las hojas enroscadas; a no ser eso, no hay nada. Y por aquí vamos nosotros. Los cuatro a pie”. (RULFO, 1953, p.27). As terras recebidas pelos homens do governo, são apontadas por

eles, como um lugar onde nada pode ser cultivado, improdutivo, elas se tornam a anulação da vida no campo e de sua permanência, o personagem reclama, que nada nasce, ““No, el Llano no es cosa que sirva. No hay ni conejos ni pájaros. No hay nada.” (RULFO, 1953, p.27).

Os agricultores no conto, vivem da agricultura, eles representam um universo simbólico próprio de uma vida no interior. O sujeito rural que habita o campo, é aquele que se identifica em um grupo e com um lugar, o que faz se diferenciar dos demais. Ele segue suas próprias tradições e normas culturais, que entre os seus, são compartilhadas. É um local de costumes, crenças e sabedoria popular que se guia pelo ritmo da natureza, pela interpretação de seus pares e que considera os signos naturais e a religiosidade como leis. Os homens do conto, são humildes e essa simplicidade pode-se analisar no trecho,

Vuelvo hacia todos lados y miro el Llano. Tanta y tamaña tierra para nada. Se le resbalan a uno los ojos al no encontrar cosa que los detenga. Sólo unas cuantas lagartijas salen a asomar la cabeza por encima de sus agujeros, y luego que sienten la tatemala del sol corren a esconderse en la sombrita de una piedra. Pero nosotros, cuando tengamos que trabajar aquí, ¿qué haremos para enfriarnos del sol eh? Porque a nosotros nos dieron esta costra de tepetate para que la sembráramos. Nos dijeron: -Del pueblo para acá es de ustedes. Nosotros preguntamos: -¿El Llano? -Sí, el Llano. To do el Llano Grande. Nosotros paramos la jeta para decir que el Llano no lo queríamos. Que queríamos lo que estaba junto al río. Del río para allá, por las vegas, donde están esos árboles llamados casuarinas y las paraneras y la tierra buena. No este duro pellejo de vaca que se llama Llano (RULFO, 1953, p.28).

Não há diálogo com os agricultores no conto, eles recebem terras improdutivas, que são dadas como se fossem grande fonte de produção agrícola. Todavia o que ocorre é o oposto, recebem do governo pelas mãos do delegado, uma imensidão de terras que não podem ser cultivadas, pela razão de serem áridas, secas e rochosas, nas quais apenas cactos e lagartixas conseguem sobreviver, a descrição do autor revela, um cenário de angústia e seca, “Sólo unas cuantas lagartijas salen a asomar la cabeza por encima de sus agujeros, y luego que sienten la tatema del sol corren a esconderse en la sombrita de una piedra” (RULFO, 1953, p. 28). Se nem os animais conseguem se movimentar em um local, onde só existem pedras para sombrear, assim se torna impossível cogitar a germinação de plantas ou frutos. O que corrobora para que a vida humana tenha dificuldades de sobrevivência nessa localidade, dessa forma, conseqüentemente os personagens se obrigam a ir embora da região.

A partir de uma perspectiva histórica, a reforma agrária mexicana, despertou conseqüências devastadoras na população, os mais atingidos foram os produtores rurais. Dividindo as opiniões nas cidades urbanas, a reforma foi polarizada em dois lados: em um encontravam-se os aristocratas agraristas, apoiados pelo governo civil, do outro, estavam os indígenas e camponeses sem apoio nenhum ou contando apenas com as interseções da igreja. Esse embate de forças, gerou inúmeras vítimas desse conflito, as marcas da destruição e da violência, ficaram visíveis nos sujeitos e nas cidades. Casas foram demolidas, famílias expulsas, animais assassinados, árvores derrubadas e cidades abandonadas. Esse cenário mórbido e contundente que Rulfo vivenciou enquanto criança e que aborda no conto. Segundo Moreira,

Esses diálogos criativos com a tradição local não se limitaram ao literário. Faulkner, Guimarães Rosa e Rulfo tinham um profundo interesse pela antropologia e a história local, e um amplo conhecimento resultado da dedicação de uma vida à leitura, por exemplo, das crônicas coloniais e todo o tipo de relato histórico e mesmo à pesquisa em arquivos como o do Instituto Geográfico Histórico. Havia também uma rica base de tradições orais populares que Faulkner, Guimarães Rosa e Rulfo conheciam profunda e intimamente (MOREIRA, 2010, p. 312).

A literatura de Rulfo ajuda a contar a história dos povos mexicanos, de uma maneira que o autor vai reconstruindo o passado por meio de suas obras. Os personagens transcendem a ficção e em diversos momentos, tornam-se reais, vão ganhando formas que os deixam muito próximos da História. Segundo Moreira (2010), a tradição oral, coletada e vivida pelo escritor sustenta enriquecedoramente os detalhes dos seus contos, que trazem as dores e as cores de uma região desolada. Melitón, Faustino, Esteban e o narrador-personagem, os quatro homens são retratos típicos dos agricultores mexicanos, do início do século XX, eles refletem a bravura e simplicidade de um povo, que lutou pela permanência em sua região, porém foram obrigados a deixá-la e partir. O retrato da desigualdade mexicana pode ser analisada pelo autor Friedrich Katz,

Outra profunda discrepância produzida no México pelo desenvolvimento porfiriano foi a crescente disparidade regional entre o Centro, o Sul e o Norte. Essa disparidade não era nova. Na verdade, remontava às origens da civilização na região. Muito antes da conquista europeia, tanto no centro quanto no sul a agricultura era intensiva, havia grandes cidades, uma sociedade altamente estratificada e uma cultura complexa, ao passo que a região norte era habitada por

caçadores e coletores nômades e por alguns agricultores primitivos. A chegada dos espanhóis introduziu novas diferenças nessas regiões. Na economia colonial da Nova Espanha o sudeste ficou bastante marginalizado, porque nele não foram encontrados recursos minerais. Em contrapartida o norte tornou-se parte fundamental da Nova Espanha colonial. Foram descobertas aqui algumas das minas mais ricas. (KATZ, 2002, p. 55).

O país se dividiu em regiões, o Centro e o Sul com intensa produtividade e cidades evoluídas, o Norte com regiões mais selvagens e pouco desenvolvimento e o Sudeste se tornou marginalizado pela falta de recursos minerais. O “Llano” no conto é abordado como as terras do Sudeste, inabitáveis, remotas e improdutivas, uma região devastada pela seca e pela fome. Os homens sem poder escolher onde ficar e sem condições para permanecer, são abandonados pelas políticas governamentais e pelas ações de reconstrução de suas terras. Assim partem em busca de uma vida melhor, apenas carregando uma galinha, deixando suas origens para trás. “Lleva puesto un gabán que le llega al ombligo, y debajo del gabán saca la cabeza algo así como una gallina. Sí, es una gallina colorada la que lleva Esteban debajo del gabán” (RULFO, 1953, p. 30). Esteban carrega pela estrada uma galinha, pela qual demonstra certa estima. O animal poderia servir de consumo, já que para muitas culturas, as aves são comuns nas refeições dos indivíduos. Porém, para cultura do Llano, a galinha é vista como um animal doméstico, o que simboliza os traços culturais de Esteban, que prefere cuidar da ave do que se alimentar dela.

Historicamente a Reforma agrária no México, deixou cicatrizes na memória e no coração do

povo, um período que aterrorizou e destruiu inúmeros camponeses, o país se dividiu e as famílias também. Os personagens do conto de Rulfo, denunciam em diversos trechos, as arbitrariedades das quais foram constantemente vítimas, “Espérenos usted, señor delegado. Nosotros no hemos dicho nada contra el Centro. Todo es contra el Llano... No se puede contra lo que no se puede. Eso es lo que hemos dicho... Espérenos usted para explicarle” (RULFO, 1953, p. 29). Os agricultores buscam por informação, tentam compreender por que foram retirados de suas terras? E porque devem permanecer com as novas – infecundas? São questionamentos que a Reforma deixou em centenas de mexicanos, que perderam suas casas e sua identidade local. De acordo com as pesquisas bibliográficas de Nunes (1980), Francisco Madero em 1910 elabora o Plano de San Luis de Potosí, buscando restituir indígenas e agricultores que foram expulsos de suas propriedades,

Graças à lei sobre as terras incultas, numerosos pequenos proprietários, índios em sua maioria, foram despojados de seus terrenos com a aquiescência da “Secretaria de Fomento”, ou por meio das punições dos Tribunais da República. É mais que justo restituir aos antigos proprietários as terras das quais eles foram arbitrariamente despojados. Determina-se a revisão de tais disposições ou decisões, impondo-se àqueles, ou a seus herdeiros que as adquiriram de forma tão imoral, a restituição a seus antigos proprietários, aos quais pagarão também uma indenização pelos prejuízos sofridos. Somente no caso de essas terras terem passado às mãos de terceiros, os antigos proprietários receberão uma indenização daqueles a quem as espoliações beneficiaram. (NUNES, 1980, p.89).

Para entendermos o contexto dos personagens de Rulfo, torna-se imprescindível revisitar a História para reconhecer as críticas que o escritor lança sobre ela. Para os homens do Llano não há uma possibilidade, apenas o cumprimento de uma ordem arbitrária e desumana. Eles necessitam aceitar as terras que foram dadas, ainda que sejam incultas, caso contrário, viverão sem nada e correrão o risco de perderem suas vidas: o que ainda pode ser chamado de existência, afinal ao serem expulsos de suas propriedades, perderam também sua identidade, suas raízes e uma parte de si.

Melitão e seus companheiros possuíam um valioso saber. Eram sujeitos que lidavam com a agricultura, ou melhor, com a sobrevivência em meio à natureza. Eram perspicazes em relação a terra, crédulos de suas origens, possuíam um conhecimento do clima, dos animais e da vida agrícola. Para Gerteez, os saberes locais se manifestam, “através de uma série de formas simbólicas facilmente observáveis, um repertório elaborado de designações” (1997, p. 95). Segundo o autor, o mundo é configurado por indivíduos que constroem suas formações culturais. Essas formações constituem cada ser e a forma de vida e de interação de cada grupo. Considera-se, de acordo com Geertz (1997), as línguas, as leis, a economia, a política, os mitos, as crenças, as artes e literatura, entre outros, como fontes de uma localidade, de uma identidade cultural.

As ideias a respeito da relação do homem com sua realidade, ganharam relevância no âmbito da teoria antropológica. Abordagem que se constitui através do trabalho de Geertz (1997). Segundo o antropólogo, “a cultura é a mediação entre o poder e o objetivo de sua ação”. Dessa forma, ocorre por um conjunto de significados, que são transmitidos historicamente por heranças genealógicas ou regionais, assim são

incorporadas por símbolos que se materializam em comportamentos. A partir da escritura, “O saber local” de Clifford Geertz, os saberes locais compõem a cultura e à vida dos indivíduos. Dessa maneira, resultam de informações contidas em determinados grupos humanos e orientam para a compreensão de um estilo de vida cotidiana. Os personagens do conto se inserem em um determinado grupo, constituem o seu próprio padrão de vida, com costumes – como o de cuidar de uma galinha, crenças e hábitos, que formam as características dos sujeitos dessa região.

Os saberes locais estão nos traços dos homens do Llano e nas suas vivências a partir do local onde moram. Eles são estruturados e concretizados pelas comunidades para sua transmissão no decorrer dos anos. “Por encima del río, sobre las copas verdes de las casuarinas, vuelan parvadas de chachalacas verdes. Eso también es lo que nos gusta” (RULFO, 1953, p. 31). Os agricultores apreciavam as aves e os animais, como se expressa no fragmento, mas receberam terras secas, onde não habitava nenhuma espécie de animal, a não ser aqueles capturados em outras regiões. O Governo não levou em consideração o saber local dos homens, e sim, sua inferioridade e desconhecimento para que pudessem dominá-los.

Analisa-se no conto, “Por encima del río, sobre las copas verdes de las casuarinas, vuelan parvadas de chachalacas verdes. Eso también es lo que nos gusta” (RULFO, 1953, p. 31), os personagens gostam da vida no campo, dos pássaros, das árvores, do rio, enfim de todos os aspectos que compõe sua região. Eles vivem do que plantam, são trabalhadores da terra e se essas são infecundas, não há ofício, é como se o indivíduo não existisse. Para o antropólogo em seus estudos sobre cultura, “somente um

nativo faz a interpretação em primeira mão: é a sua cultura” (GEERTZ, 1989, p. 13). Aqueles que não fazem parte desse contexto regional, enxergam o nativo à maneira que o convêm. Assim, o saber local, torna-se irreconhecível pelo Outro, pois para conhecê-lo, é preciso colocar-se numa posição igualitária, de transmissão e recepção.

3 DE ONDE VIM: “LUVINA”

Os sujeitos percorrem por diferentes cidades e regiões, e nessas andanças, o que cada um carrega é a bagagem de onde partiu. No que diz respeito a “Luvina”, conto publicado em “El llano en llamas” (1953), pode-se dizer que, considerando o contexto regional, a obra também destaca características culturais que configuram esse lugar. A narrativa abordada no conto, segue uma linha histórica e regional, assim como “Nos han dado la tierra” (1953). Nesse conto, analisa-se uma perspectiva política operada por Lázaro Cárdenas, nos anos de 1930. Buscando por alfabetizar a população mexicana, diversos professores foram enviados a regiões inóspitas e distantes dos centros urbanos. Pela voz experiente do protagonista, um ex-professor rural da cidade, pode-se conhecer e acompanhar a história de San Juan de Luvina, a cidade onde esse professor passou grande parte da sua vida lecionando, o lugar é relatado para o novo docente que chega à região para trabalhar.

“Luvina” é um dos dezessete contos que compõe a obra “El Llano en llamas”, este é um dos últimos contos a ser elencado à primeira edição da única obra contista do escritor

mexicano. Recordando do tempo em que viveu em Luvina, o protagonista com um saudosismo melancólico e muitas vezes frustrado, descreve geograficamente a região, revisitando as dores e angustias do povoado. Assim, ele narra como sua vida foi difícil e precária nesse lugar. Um dos trechos nos quais o ex-professor descreve a cidade,

[...] Y la tierra es empinada. Se desgaja por todos lados en barrancas hondas, de un fondo que se pierde tan lejano. Dicen los de Luvina que de aquellas barrancas suben los sueños; pero yo lo único que vi subir fue el viento, en tremolina, como si allá abajo lo hubieran encañonado en tubos de carrizo. Un viento que no deja crecer ni a las dulcamaras: esas plantitas tristes que apenas si pueden vivir un poco untadas en la tierra, agarradas con todas sus manos al despeñadero de los montes. Sólo a veces, allí donde hay un poco de sombra, escondido entre las piedras, florece el chicalote con sus amapolas blancas. Pero el chicalote pronto se marchita. Entonces uno lo oye rasguñando el aire con sus ramas espinosas, haciendo un ruido como el de un cuchillo sobre una piedra de afilar (RULFO, 1953, p. 40).

O povoado é descrito pelo personagem como uma região montanhosa, composta por inúmeros barrancos fundos, como se fossem abismos, um local que não há muito vento e possui poucas árvores, como vai se observando na fala do narrador, “Sólo a veces, allí donde hay un poco de sombra, escondido entre las piedras, florece el chicalote con sus amapolas blancas” (RULFO, 1953, p.40), pode-se analisar que a presença de flores e plantas são escassas e que o sol tende a ser forte nesse lugar. O título do conto já sinaliza para “Luvina” como a protagonista do enredo, a cidade e suas pluralidades culturais se tornam o personagem principal, dessa forma, o antigo professor se

apresenta em segundo plano em relação ao lugar. Diante dos aspectos regionais, o professor é personagem secundário, entretanto com relação às suas próprias memórias e registros, ele se constitui protagonista.

Revisitar a História torna-se relevante para interpretação da narrativa, uma vez que o autor se vale em sua escrita de aspectos sócio-históricos. Segundo Américo Nunes (1980), durante a presidência de Cárdenas (1934-1940), realizou-se uma grande transformação na estrutura fundiária mexicana. É relevante sinalizar que a divisão de terras no México iniciou nos governos precedentes, como pode ser analisado no conto “Nos han dado la tierra” (1953). Porém, a grande reforma ocorreu no governo de Cárdenas, uma das ações foi a nacionalização de várias empresas estrangeiras, especialmente as companhias petrolíferas e as ferroviárias. A agricultura mexicana nesse período, ainda carregava as marcas da sociedade colonial. As maiores e melhores terras eram de grandes latifundiários e os camponeses eram explorados, ao perder suas propriedades, obrigavam-se a trabalhar por pouco. Os camponeses durante a Revolução Mexicana, reivindicaram uma mudança na distribuição de terras, que foi parcialmente atendida pela Constituição de 1917 e pelos governos constitucionais da década seguinte. Todavia, as modificações introduzidas pelo governo de Lázaro Cárdenas, implicaram uma distribuição de terras muito maior e mais justa para os agricultores.

Diante desse contexto rural, o conto aborda dois focos narrativos: o que se desenvolve pelos relatos saudosistas do professor, contando suas recordações em um bar da cidade e o segundo, nas conversas em forma de monólogo, que ele tece com o novo docente que chegara ao local. O narrador-protagonista

não tem seu nome revelado, assim como seu interlocutor, da mesma forma que não há adjetivos que os caracterizem fisicamente. O que fica em evidência nos diálogos, é a cidade, sua história e suas características locais, os únicos personagens identificados são secundários.

!Oye, Camilo, mándanos otras dos cervezas más! -volvió a decir el hombre. Después añadió: Otra cosa, señor. Nunca verá usted un cielo azul en Luvina. Allí todo el horizonte está desteñado; nublado siempre por una mancha caliginosa que no se borra nunca. Todo el lomerío pelón, sin un árbol, sin una cosa verde para descansar los ojos; todo envuelto en el calín ceniciento. Usted verá eso: aquellos cerros apagados como si estuvieran muertos y a Luvina en el más alto, coronándolo con su blanco caserío como si fuera una corona de muerto... Los gritos de los niños se acercaron hasta meterse dentro de la tienda. Eso hizo que el hombre se levantara, y fuera hacia la puerta y les dijera: "¡Váyanse más lejos! ¡No interrumpen! Sigán jugando, pero sin armar alboroto (RULFO, 1953, p. 41).

Em meio a descontração de um bar, o protagonista tenta se distrair; pede uma cerveja, mas o diálogo continua linear, não há outra temática que seja mais forte e relevante que a cidade. O ex-professor, expressa os desamores e frustrações de viver nessa região, o céu nublado sempre, sem árvores, sem uma cor que mescle com o cinza, nessa descrição pode se observar um cenário melancólico, de um lugar sem vida, sem frutos, isto é, reflexo do abandono do povo, que partiu para buscar algo melhor. “Usted verá eso: aquellos cerros apagados como si estuvieran muertos y a Luvina en el más alto, coronándolo con su blanco caserío como si fuera una corona de muerto” (RULFO, 1953, p.41). A descrição feita pelo personagem, revela uma cidade morta, em

todos os aspectos, pela falta da alegria do povo, pela ausência de cultivo, pela falta de esperança dos que ficaram e pela memória aterrorizante de quem viu sua comunidade ser devastada pelo Governo.

À história está comprometida com a racionalidade e com os fatos, ela busca a reconstrução do passado. Analisa-se o contexto histórico da Revolução de 1910 e a Reforma agrária de Cárdenas em 1934, como tempo que guia a obra de Rulfo. Já a memória é afetiva, guarda sentimentos e sensações. Ela recupera emoções, renova saudades e ajuda a superar ressentimentos ou alimentar rancores, além de “atualizar as lembranças agindo” (SEIXAS, 2004, p. 53). O ex-professor por meio da memória, transmite ao seu colega que chega à cidade, os seus sentimentos em relação ao tempo que viveu e ainda vive no lugar, são impressões tristes e nostálgicas de uma região castigada por seu passado.

Segundo os estudos de Geertz (1989), o espírito e o objeto materializam uma forma de viver e experienciar, dessa forma desenvolvem um modelo específico de pensar para o universo dos objetos, tornando os visíveis. Essa forma de viver apontado pelo pesquisador é denominada por ele como experiência coletiva. Ela que ajuda a determinar sua percepção de mundo, sua sensibilidade e emoções,

A capacidade de uma pintura de fazer sentido (ou de poemas, melodias, edifícios, vasos, peças teatrais, ou estátuas) que varia de um povo para outro, bem assim como de um indivíduo para outro, é, como todas as outras capacidades plenamente humanas, um produto da experiência coletiva que vai bem mais além dessa própria experiência. (GEERTZ, 1989, p. 165)

De acordo com Geertz (1989), a capacidade que os objetos a nossa volta têm de gerar sentidos ou não, está relacionada a experiência individual e coletiva de cada um. Cada sujeito pode reagir a uma situação de variadas formas, o que vai depender da trajetória de cada um e como ele reagiu diante do que o atravessou. O que se analisa no protagonista do enredo, ele expressa ao novo morador da cidade, memórias e experiências coletivas e individuais, do que ele conhece sobre a região. “Luego, dirigiéndose otra vez a la mesa, se sentó y dijo: -Pues sí, como le estaba diciendo. Allá llueve poco. A mediados de año llegan unas cuantas tormentas que azotan la tierra y la desgarran” (RULFO, 1953, p. 42). Pela vivência do personagem, ele constrói a sua história sobre a cidade, relata as poucas chuvas que ocorrem, informa das tempestades eventuais que assolam a região, devastando a terra. Comenta sobre a seca, a fome e a falta de fertilidade do local, essas características, são impressões suas, que ele constituiu ao longo do tempo.

O docente é o reflexo de um morador antigo da região, que passou toda sua vida por ali. Ele carrega em seu cerne, os traços e costumes daquele lugar, o fato de ter sido professor, corrobora ainda mais, pelo seu conhecimento do povo e dos acontecimentos que ocorreram na cidade. “As idéias são audíveis, visíveis e [...] táctíveis, que podem ser contidas em formas que permitam aos sentidos, e através destes, às emoções, comunicar-se com elas de uma maneira reflexiva.” (GEERTZ, 1989, p. 181). As sensações e memórias transmitidas pelo personagem em diversos momentos são negativas ou melancólicas, porém são fruto das vivências, eventos e das relações que se dissiparam nesse local, elas se comunicam nas falas do narrador conforme Geertz (1989). A partir do contexto histórico, pode-se

compreender que um povo, no qual foi obrigado a deixar suas terras e ir viver em uma região remota e improdutiva, não teria muitas alegrias para manifestar, a cidade na qual o educador passou toda sua vida, é consequência de uma má distribuição de terras, onde os aristocratas se apropriam das melhores regiões e os indígenas e camponeses ficaram com os lugares inóspitos.

O texto literário se constitui inúmeras vezes por sua essência ficcional e lírica, mas também por se tratar de um registro histórico e cultural. Segundo Geertz, “a cultura de um povo é um conjunto de textos, eles mesmos conjuntos, que o antropólogo tenta ler por sobre os ombros daqueles a quem eles [textos] pertencem” (GEERTZ, 1989, p. 321). O conto rulfiano transcende a obra literária, é um resgate histórico e cultural do México, apresenta um universo, muito além da ficção, mas o retrato de uma época e de uma região. A cidade ganha formas e contrastes, por intermédio das histórias do protagonista, os seus causos e ideias que levam os leitores a conhecerem esse lugar e compreender suas sutilezas.

O cenário de Luvina é descrito como um lugar tétrico e de paisagens melancólicas, por um calor que atormenta e por chuvas que devastam. É possível observar uma região despovoada, pelas falas do narrador-personagem e por seu monólogo apontando para ausência de moradores. Pelas percepções do protagonista, entende-se que na cidade só viviam pessoas bem idosas e mulheres abandonadas por seus maridos. Pela caracterização desses personagens, o leitor vai conhecendo os habitantes da região, sujeitos humildes que vivem sozinhos e sem força física para trabalhar.

A falta de vigor da população, deixa ainda mais evidente o abandono em que se encontrava o campo e seus moradores naquela época. Diante das barbáries dos Governos no México, o êxodo rural foi intenso, fazendo os agricultores migrarem para os grandes centros, abandonando suas casas e famílias. Nesse caso, os que ficaram na cidade, eram os indivíduos impossibilitados de trabalhar, seja pela idade ou pela dificuldade física do corpo. Segundo o antropólogo,

Como sistemas entrelaçados de signos interpretáveis (...) a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível –isto é, descritos com densidade(Geertz, 1989, p. 10).

A partir de Geertz (1989), entende-se que a cultura de um povo não é a mera soma de acasos, semelhanças e detalhes. Ela está em um conjunto de fatores que só fazem sentido naquele contexto, ou seja, para aqueles que vivem naquele lugar. A ausência de homens trabalhadores em Luvina, o grande número de pessoas idosas e mulheres, sinaliza para uma cruel realidade que só entende quem mora na cidade. Os relatos do ex-professor, morador local, representam a soma de uma profusão de vozes que ecoam pela região. Quando o personagem fala, seu diálogo reflete os diversos moradores que por ali vivem e que compartilham suas experiências.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os contos de Rulfo apresentam cidades mexicanas, que se tornaram cenários de diferentes épocas da História. São regiões que são descritas pelas vozes dos personagens, a partir dos seus relatos e diálogos, onde o leitor vai conhecendo e se aprofundando nos meandros de cada lugar. No conto “Nos han dado la tierra” (1953), quatro camponeses recebem do governo uma imensidão de terras em um processo de reforma agrária. Dessa forma, eles percorrem as extensas e improdutivas terras que receberam, chamada de “Llano”. Por meio dos agricultores, Melitón, Faustino, Esteban e o narrador-personagem, que não é identificado, pode-se entender como é a região e o que habita nela. O saber local dos homens, segundo o antropólogo Geertz (1989), revelam suas angústias e afetos que se constituem por esse lugar. Os personagens são representados como sujeitos humildes, analfabetos e oprimidos pelo Governo e as leis. Ainda, apresentam uma sabedoria local, são conhecedores da sua região e de tudo que ela pode ou não oferecer.

O conto “Luvina” (1953), segue um enredo semelhante ao de “Nos han dado la tierra” (1953), a cidade é apresentada por meio dos relatos do protagonista, que sentado em um bar, vai recordando do seu passado e da história do seu lugar. Em meio as lembranças, surge um novo morador da cidade, que se torna o seu ouvinte. A região de San Juan Luvina, é um lugar abandonado e solitário devido ao êxodo rural em decorrência da Revolução Mexicana, os que ficaram, são idosos e mulheres que cuidam dos seus filhos que permaneceram. Geograficamente, a cidade é parecida com o “Llano”, em determinados períodos é extremamente seca e quente e em

outro, muito fria e chuvosa. Não há quase árvores e nem plantações, uma cidade árida e cercada por montanhas. O protagonista é um ex-professor rural, que se difere dos agricultores do “Llano”, em questões sociais, porém são parecidos no que tange a melancolia narrada sobre o lugar. Ambos os protagonistas vivem as consequências das arbitrariedades governamentais, em períodos distintos, no entanto com as mesmas feridas e cicatrizes.

Referências

- GEERTZ, Cliford. **O saber local**: novos ensaios em antropologia interpretativa. Petrópolis: Vozes, 1997.
- GEERTZ, Cliford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- RULFO, Juan. **El llano en llamas**. Cidade del México: Fondo de Cultura Económica, 1953.
- KATZ, Friedrich. O México: A República Restaurada e o Porfiriato, 1867-1910. In: BETHELL, Leslie (org). **História da América Latina**: de 1870 a 1930, volume V. São Paulo: Edusp, 2002.
- MOREIRA, Paulo. **Modernismo Localista das Américas**: os Contos de Faulkner, Guimarães Rosa e Rulfo. Belo Horizonte: Editora UFMG, Minas Gerais, 2010.
- NUNES, Américo. **As Revoluções do México**. São Paulo: Perspectiva, 1980.
- SEIXAS, Jacy Alves de. Percursos de memória em terras de história: problemáticas atuais. In: BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia. **Memória e (res)sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Editora da Unicamp. 2004. pp. 37-58.
- TELES, Gilberto Mendonça. “A Crítica e o Romance de 30 no Nordeste”. In: MONTENEGRO, Pedro Paulo (org). **O Romance de 30 no Nordeste**. Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará, 1983.